

Expediente

Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFPR)

revistaacaomidiatica@gmail.com

ISSN: 2238-0701

Ed. 25 - Jan/jun (2023)

AÇÃO MIDIÁTICA - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura é a publicação científica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Com periodicidade semestral, propõe-se a permitir o debate sobre a pesquisa em comunicação. A publicação contempla artigos relacionados a dossiês temáticos, seções com temas livres e resenhas. O periódico é destinado a pesquisadores, profissionais, professores e estudantes da área, bem como dos campos que apresentam interface com a comunicação.

Editor

João Martins Ladeira

José Carlos Fernandes

Marcelo Garson

Equipe Editorial

Keyse Caldeira de Aquino Macedo

Pedro de Souza Lima Brodbeck

Rafael Borges Marques

Samir Gid

Victor Finkler Lachowski

Comitê Editorial

Claudia Irene de Quadros, *UFPR*

Fabio Hansen, *UFPR*

José Manuel Losada, *Universidad Complutense, Espanha*

Aryoaldo de Castro Azevedo Junior, *UFPR*

Celsi Bronstrup Silvestrin, *UFPR*

Glaucia da Silva Brito, *UFPR*

João Somma Neto, *UFPR*

Kati Caetano, *UTP*

Myrian Del Vecchio de Lima, *UFPR*

Regiane Regina Ribeiro, *UFPR*

Luciana Panke, *UFPR*

Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, *UFPR*

Comitê Científico

Adolpho Queiroz, *MACKENZIE*

Carlos Federico Gonzalez Perez, *Universidad Nacional de Jujuy, Argentina*

Cleusa Maria Scroferneker, *PUCRS*

Cristina Coriasso Martín-Posadillo, *Seminario La Ginestra*

Dina Maria Martins Ferreira, *UECE*

Mônica Cristine Fort, *UTP*

Sérgio Luiz Gadini, *UFPR*

Suely Scherer, *UFRJ*



Apresentação

Atualmente, as questões de gênero tornaram-se um tópico central de disputa no campo midiática. Encampado tanto pela esfera da comunicação política tradicional, quanto pelas discussões acaloradas que giram ao redor de um sem número de produtos midiáticos – filmes, música, séries, podcasts –, o gênero tornou-se, também, um terreno fértil à investigação acadêmica. Para compreender a consolidação desse campo de estudo, temos, no entanto que atinar às relações entre o feminismo e a universidade firmadas nos anos 1970.

É nesta época que a crítica ao patriarcado e o debate acerca da identidade feminina ganham visibilidade nos então chamados Women's Studies que se instalaram nas universidades estadunidenses e inglesas. Como parte desse esforço, houve o interesse dos estudos de comunicação por investigar de que maneira as mídias participavam das relações de poder desiguais experimentadas pelas mulheres. Produziu-se, assim, algumas obras hoje consideradas clássicas

É de 1978 o trabalho de Gaye Tuchman que lançou o conceito de aniquilação simbólica, interessado em explicar como a ausência, condenação ou trivialização da imagem feminina na mídia agia como uma força conservadora que buscava deter as reivindicações emancipatórias do movimento feminista. Da mesma época é o influente trabalho de Laura Mulvey que denunciou como o cinema norte-americano construía representações femininas a partir de um olhar masculino, o que deu origem ao popular conceito de *male gaze*. Na década seguinte, trabalhos como *Watching Dallas* buscaram compreender como gêneros supostamente femininos, como as telenovelas, eram consumidos e incorporados ao cotidiano das espectadoras.

Nos anos 1990, há uma guinada simbólica quando se percebe que o sujeito do feminismo até então, “a mulher”, geralmente aglutinava uma agenda de interesses de mulheres brancas, heterossexuais e de classe média dos

Estados Unidos e Europa. Assim, enxergar a realidade das mulheres negras, imigrantes, latinas e transexuais tornava-se uma questão urgente. Esse movimento de ressignificação, posto em marcha pela emergência da perspectiva interseccional, também ganhou um impulso com o trabalho de Judith Butler e da teoria queer, cuja visada pós-identitária buscava questionar como as identidades de gênero eram construídas em detrimento de corpos tornados abjetos. Dessa forma, a atenção aos papéis sexuais, tão caros aos anos 1970, perdia espaço frente à investigação das performances e performatividade de gênero.

Nesse longo percurso, que desemboca nos dias de hoje, uma série de metodologias e enfoques teóricos – análise de conteúdo, análise do discurso, marxismo, psicanálise, narratologia, economia política da comunicação – contribuíram para enxergar de que maneira as mulheres se posicionam e são posicionadas frente à indústria midiática, seja ao nível dos textos midiáticos, do mercado de trabalho ou enquanto consumidoras. Assim, o dossiê “Mídia e gênero, novos olhares”, que acompanha esta edição, busca capturar a recente e efervescente investigação acerca dos produtos e processos midiáticos contemporâneos que tem o gênero como tópico central.

Na temática da identidade de gênero, o trabalho de Diego Moreira debruça-se sobre a série da HBO *Todxs Nós* para compreender a trajetória de Rafa, personagem não-binário e bissexual que muda-se para São Paulo. Através de Foucault, Deleuze e Lauretis, o autor mostra como as séries funcionam como dispositivos pedagógicos e midiáticos, além de jogar luz para a cada vez mais volumosa produção, disponível nas populares plataformas de streaming, que tem transexuais como protagonistas.

O trabalho de Gregorio et al. também tem a ficção seriada como objeto; a intenção agora é analisar a repercussão de um beijo lésbico na telenovela *Orfãos da Terra*. Através da netnografia as autoras debruçam-se sobre os comentários presentes no *Instagram* da novela que evidenciam a forte rejeição da audiência. Isso deixa claro como o aumento de visibilidade da população LGBTQIAP+ nos produtos audiovisuais é acompanhada de um discurso de ódio que se prolifera nos espaços de interação da audiência. Este trabalho está em conexão direta com o texto de Mendonça et al. que analisa de que maneira o falecimento do ator Paulo Gustavo foi tratado no twitter. Utilizando-se do método de análise de redes semântica, as autoras perceberam de que maneira os comentários tornaram-se uma arena de disputas simbólicas que, agregando partidários e antagonistas do governo Bolsonaro, buscaram avaliar as políticas públicas adotadas frente à pandemia.

No que tange às relações entre gênero e política, o trabalho de Jaqueline Silva e Karina Woitowicz investiga a cobertura da eleição de 2020 efetuada

pelos portais *Catarinas e Gênero e Número*, para analisar como cada um deles visibilizou as candidaturas femininas durante o pleito. Através da análise de conteúdo, as autoras não só investigam as temáticas caras à cobertura efetuada pelos veículos, mas também conectam a discussão do gênero ao campo do chamado jornalismo alternativo. Analisando outro produto midiático, o podcast, o trabalho de Charlini Torquato propõe um estudo exploratório acerca do tratamento da não-binariiedade presente em dez podcasts. Para tanto, a autora elege diversas categorias que tocam em temas como saúde mental, religião e representação. Como resultado, temos um amplo panorama sobre os múltiplos desdobramentos que a temática da não binariiedade pode ensejar.

A dinâmica do mercado de trabalho em comunicação é tema do trabalho de Mattos et al. que investigou a baixa presença de mulheres negras nas agências de publicidade curitibanas. Combinando uma pesquisa de cunho quantitativo, baseada em surveys direcionados às maiores agências da cidade, a outra de viés qualitativo, assentada em entrevistas com publicitárias negras, a pesquisa mostrou não só a invisibilidade e ausência das mulheres negras nas agências, quanto a própria resistência das instituições em responder os questionários.

Combinando observação participante, entrevistas abertas e estruturadas, análise de canções e performances do grupo de Maracatu Baque Mulher, o trabalho de Tatiana Lima volta-se ao estudo da música popular. O objetivo é analisar de que maneira o maracatu agiu como vetor de empoderamento para mulheres brancas e negras em Lisboa. Além de problematizar academicamente a tão difundida noção de empoderamento, o trabalho ainda nos permite compreender as redes transnacionais de conexão feminina, já que o grupo analisado se iniciou em Recife e se espalhou para outras cidades brasileiras e também para Lisboa.

A relação entre gênero e futebol é tema do texto de Erika Araújo e Mauro Ventura. Resgatando a historicidade do gênero enquanto uma categoria útil para a análise social, o trabalho nos ajuda a compreender de que maneira o gênero é um marcador de desigualdade no esporte. O clássico texto de Joan Scott, é, assim, posto para dialogar com uma bibliografia atualizada que trata de interseccionalidade, feminismo negro e pós-identidade, o que nos permite questionar a clássica separação entre sexo e gênero aplicando-a à problemática do esporte, campo em que os discursos que exaltam a dimensão biológica do corpo tendem a predominar.

Somando-se ao dossier, a sessão de artigos conta com o trabalho de Nadja Vladi e Marcelo Argolo que analisa o ativismo negro na cena de música pop de Salvador. Dialogando com a farta tradição de estudos de cenas musicais, os autores situam a discussão no contexto brasileiro, o que nos permite refletir

sobre as potencialidades e os limites de conceitos importados da literatura anglo-americana. Para tanto, a noção de território sonico musical ganha primazia, acionando um produtivo dialogo com pesquisadores nacionais.

Da mesma forma que o artigo anterior, o texto de Santana et al. dialoga com o referencial teórico decolonial ao analisar a plataforma de Comunicação Colaborativa Ocorre Diário. O interesse agora é analisar de que forma um reposicionamento das fontes jornalísticas desestabiliza hierarquias epistêmicas propondo uma nova práxis jornalística. A vertente decolonial também comparece no trabalho de Ghil et al. que, por meio da análise fílmica, propõe uma discussão do filme Atlantique, da cineasta franco-senegalesa Mati Diop. Através de um diálogo com autoras negras e feministas, o texto enxerga como o cinema pode produzir novas territorialidades anti-diaspóricas pela maneira como tematiza o corpo. O debate decolonial também está presente no texto de Bogado et al. que evoca uma umbigada das imagens; uma maneira de ver uma série de filmes a partir da trajetória de circulação e cruzamento tanto de suas imagens quanto dos corpos que se constroem em movimento espiralar. O trabalho se destaca pelo escrita anti-convencional que flerta com a literatura e com o ensaísmo.

Como resultado desses múltiplos enfoques e temáticas, esperamos que este dossiê represente uma significativa contribuição para os atuais estudos de mídia e gênero. Como sempre, a revista gostaria de agradecer ao apoio da PRPPG no trabalho gráfico de edição do material.

Boa leitura a todos.